

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

GRAMÁTICAS ANTIGAS: POPULARIZANDO A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA NO INSTAGRAM

Leonardo Ferreira Kaltner, Melyssa Cardozo Silva dos Santos

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4356>

Submetido em: 2022-06-27

Postado em: 2022-07-11 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ANCIENT GRAMMARS: POPULARIZING LINGUISTICS HISTORIOGRAPHY ON INSTAGRAM

GRAMÁTICAS ANTIGAS: POPULARIZANDO A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA NO INSTAGRAM

Leonardo Ferreira Kaltner 1

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brazil. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0003-3690-3132>

Melyssa Cardozo Silva dos Santos 2

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brazil. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0003-0279-1611>

ABSTRACT

This article is the result of a conference at the Abralín em Cena – Popularization of Linguistics event, held online, in 2021, by the Brazilian Association of Linguistics (Abralín). The text is linked to Grammaticography, the history of grammar, one of the lines of research of the Historiography of Linguistics (HL) (SWIGGERS, 2013; 2019), and has as its object of study the theme of the popularization of linguistics on Instagram, through the page Ancient Grammars. We divided our reflections into three thematic sections in the article: an introduction, to discuss the theoretical questions about the popularization of linguistics and Grammaticography, a second section, which describes the page and publications developed, and finally, the theoretical model used to plan publications, which aims to disseminate studies on the history of linguistic thought in Brazil. Our theoretical fundamentals to debating the popularization of science, a general field that encompasses the popularization of linguistics, is the studies of interdiscursivity (MOTTA-ROTH; SCHERER, 2016).

Keywords:

Comma-separated keywords. Linguistic Popularization, Grammaticography, Linguistic Historiography, Missionary Linguistics.

RESUMO

O presente artigo é resultado de apresentação de trabalho no evento Abralín em Cena – Popularização da Linguística, realizado de maneira remota, no ano de 2021, pela Associação Brasileira de Linguística (Abralín). O texto vincula-se à Gramaticografia, a história da gramática, uma das linhas de pesquisa da Historiografia da Linguística (HL) (SWIGGERS, 2013; 2019), e tem como objeto de estudos o tema da popularização da linguística no Instagram, pela página Gramáticas Antigas. Dividimos nossas reflexões em três seções temáticas no artigo: uma introdução, para debater as questões teóricas acerca da

popularização da linguística e a Gramaticografia, uma segunda seção, que descreve a página e as publicações, desenvolvidas, e por fim, o modelo teórico utilizado para planejar as publicações, que tem por escopo difundir os estudos sobre a história do pensamento linguístico no Brasil (KALTNER, 2022). Nosso aporte teórico para debater a popularização da ciência, campo geral que abarca a popularização da linguística, são os estudos de interdiscursividade (MOTTA-ROTH; SCHERER, 2016).

Palavras-chave: Popularização Linguística, Gramaticografia, Historiografia Linguística, Linguística Missionária

Submetido à CadLin. Participe da avaliação comunitária aberta, comentando diretamente neste preprint.

1. Popularização da Linguística, Interdiscursividade e Gramaticografia

O artigo está vinculado à recente apresentação de trabalho no seminário *Abralin em Cena – Popularização da Linguística*, que foi realizado de maneira remota, no ano de 2021, pela Associação Brasileira de Linguística (Abralin). A apresentação teve como tema a página da rede social *Instagram Gramáticas Antigas*. As reflexões oriundas da apresentação, e da página, são resultantes do projeto de pesquisa *Regna Brasilica: o Brasil quinhentista à luz da Historiografia da Linguística* (KALTNER, 2020a, 2020b, 2020c, 2020d; KALTNER; SANTOS, 2020), que é desenvolvido no contexto do Grupo de Pesquisas “Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional” (FILIC/CNPq), sediado na Universidade Federal Fluminense, e investiga a recepção da corrente de pensamento do humanismo na gramaticografia da América portuguesa (KALTNER, 2022; KALTNER, 2019, KALTNER; SANTOS; TEIXEIRA, 2019; KALTNER; SILVA, 2019).

No artigo, debatemos como tema central a “popularização da linguística” tendo como objeto de análise postagens da página do *Instagram Gramáticas Antigas* (KALTNER, 2020a). Grosso modo, o conceito teórico de “popularização da linguística” é derivado do conceito geral de “popularização da ciência”, sendo tradução vernácula de “popularization of science”, que também pode ser traduzido por “divulgação científica” (SCHALL, 2000). O significado do conceito de “popularização da ciência” está, por sua vez, vinculado à difusão cultural dos saberes científicos e acadêmicos para uma comunidade geral e ampla, formada por um público que não tem formação especializada na área científica que é divulgada, o que encontra no ambiente virtual uma nova forma de expressão, pelas ferramentas das redes sociais.

A “popularização da linguística” pode valer-se das novas mídias, como redes sociais, para a difusão e circulação do pensamento, formando novas comunidades virtuais e possibilitando a democratização do conhecimento. Isso permite, por exemplo, um diálogo com uma comunidade mais ampla dos que os círculos acadêmicos tradicionais. Nesse intuito, nosso grupo de pesquisas decidiu criar perfis em redes sociais diversas, com esse intuito de popularizar o tema da Gramaticografia. Especificamente, nos deteremos na página do *Instagram* do grupo, que foi o tema de debate no evento recente da Abralín.

Em recente artigo, no campo da interdiscursividade, Désirée Motta-Roth e Anelise Scotti Scherer (2016) debatem os aspectos críticos da “popularização da ciência” ressaltando como jornalistas criam conteúdos específicos para divulgar o conhecimento científico. As linguistas citam três modalidades de discurso preponderantes para a divulgação e popularização científica: o discurso científico, o jornalístico e o pedagógico, que apresentam os conteúdos científicos em uma linguagem discursiva adaptada, a fim de tornar o conhecimento científico disponível em notas e notícias de imprensa.

O discurso científico, propriamente dito, como notícia, vale-se de termos técnicos para enfatizar a plausibilidade da notícia:

Discurso Científico: ênfase na plausibilidade da notícia, mobilizando termos técnicos, usando estratégias de mitigação próprias do discurso científico, marcado por hipóteses, como relativismos ou “verdades” provisórias passíveis de falseabilidade, em oposição ao jornalístico, marcado por retórica assertiva (modalização positiva) (MOTTA-ROTH; SCHERER, p. 177).

Essa modalidade discursiva caracteriza-se por manter os termos científicos, utiliza argumentação por hipóteses e mantém uma linguagem científica, para auferir credibilidade à informação transmitida. Trata-se de uma modalidade de síntese, que não permite contudo ao receptor checar a validade do conteúdo informado, por ausência dos instrumentos de pesquisa, como referências, processo de pesquisa e mesmo resultados, de forma mais abrangente. Todavia, o discurso científico permite uma comunicação direta com o receptor da mensagem. No desenvolvimento de nossa página, notamos que a manutenção de termos científicos, com pequenas definições é um instrumento útil para a composição das postagens, inclusive para diferenciar as páginas de popularização da ciência do mero entretenimento. As postagens precisam ser também informativas.

A segunda modalidade discursiva, o discurso jornalístico enfatiza a “espetacularidade da notícia”, isto é, chamar a atenção do espectador para alguma novidade trazida pelo enunciador. Essa novidade pode consistir em diversos parâmetros, que têm por objetivo principal formar uma opinião específica, após essa *captatio benevolentiae* (captação da atenção):

Discurso Jornalístico: ênfase no caráter de espetacularidade da notícia, marcado por celebração, assertividade, constatação de fatos (em oposição

a hipóteses científicas) que devem ser expostos com “objetividade”, especialmente marcada pela convocação de vozes de atores sociais que avalizam a notícia ao demonstrarem que o relato noticiado não é apenas uma visão unilateral do jornalista (MOTTA-ROTH; SCHERER, p. 177).

No caso de nossa página do *Instagram*, o tema sobre as gramáticas antigas é o principal referente para o público que se engaja nas publicações. Nosso formato de postagens busca tratar como uma nota pública o tema da “história da gramática”, ou a história do pensamento linguístico, de forma geral. Nesse sentido, buscamos demonstrar com imagens documentais, muitas vezes desconhecidas do grande público, textos históricos que não possuem circulação fora dos meios acadêmicos. O apoio na base documental auxilia na construção de uma narrativa que não é unilateral. Imagens de documentos e “perguntas retóricas” são os meios encontrados para iniciar a interação.

Por fim, Motta-Roth e Scherer citam o discurso pedagógico, que acreditamos ser o mais adequado para a utilização nas redes sociais, como estratégia de “popularização da linguística”, no modo que estamos desenvolvendo:

Discurso Pedagógico: transferência da informação nova/científica para o âmbito do aprendiz, utilizando estratégias retóricas para fornecer “andaimas” para que o conhecimento científico seja recontextualizado à audiência de não-especialistas. Essa retórica é marcada pela explicitação de conceitos e princípios, por meio de estratégias discursivas como aposto e glosa para explicar termos técnicos do mundo da ciência em uma linguagem do cotidiano (MOTTA-ROTH; SCHERER, p. 177).

A página do *Instagram* torna-se, assim, uma extensão de atividades desenvolvidas no âmbito da disciplina de pós-graduação em Historiografia da Linguística, campo teórico que analisa a história do pensamento linguístico (ALTMAN, 2019; BATISTA, 2019; AUROUX, 1992; KOERNER, 1996; SWIGGERS, 2019; SWIGGERS, 2013). A história do pensamento linguístico, que é uma categoria abstrata de análise, é apresentada nas postagens da página como explicações didáticas sumarizadas, curiosidades e informações gerais sobre um conteúdo específico, que muitas vezes é somente trabalhado em sala de aula e nas pesquisas de pós-graduação. Nesse intuito, observamos que as postagens geralmente acompanham os temas que estão sendo debatidos nas pesquisas desenvolvidas na universidade e na disciplina em curso, pelo grupo de pesquisas. Porém, como veremos mais adiante, podemos notar que as postagens costumam oscilar entre as três modalidades de interdiscursividade da “popularização da ciência”, conforme os pressupostos de Motta-Roth e Scherer (2016).

2. As postagens da página Gramáticas Antigas

Analisamos nessa seção do artigo algumas das postagens da página no *Instagram*, que conta com uma comunidade de cerca de trezentos perfis que interagem com suas

publicações. A estratégia de comunicação em meio virtual consiste, geralmente, em apresentar uma pergunta, ou mesmo uma informação geral, sobre a história da gramática, seguido de um exemplo visual, de fonte documental digitalizada. Depois da apresentação da pergunta e da apresentação da fonte documental, a conclusão da postagem busca surpreender o leitor, com informação específica do tema a ser “popularizado”.

Essa é a página inicial, em imagem retirada de um *print* de tela em notebook. Todo o *layout* das publicações é padronizado, em cores e formas constantes, sendo as postagens elaboradas pela plataforma *Canvas*:

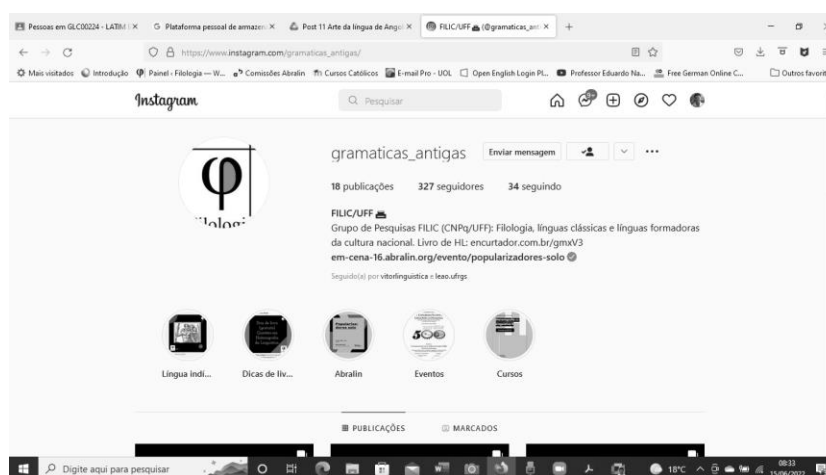


Figura 1. Página inicial (KALTNER, 2020a).

Note-se que a página apresenta em sua descrição a vinculação ao grupo de pesquisas FILIC/CNPq/UFF, utilizando o logotipo do grupo. Trata-se de uma página de caráter institucional, que serve também para a divulgação de livros gratuitos, de *open source*, para *download* e para a divulgação de eventos. Nesse sentido, a popularização busca integrar-se às ações extensionistas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa.

A segunda imagem apresentada é um apanhado do perfil no *Instagram* das postagens, demonstrando como o layout padronizado auxilia à criação de uma identidade visual. Geralmente, as postagens são organizadas como álbuns em blocos sequenciais (*thread*), com cerca de 4 a 6 imagens que formam uma narrativa com início, meio e fim. Os blocos sequenciais de postagens precisam formar um significado único, a fim de que o leitor precise ler o conjunto de mensagens para acompanhar a reflexão iniciada.



Figura 2. Layout (KALTNER, 2020a).

O caráter da página é pedagógico, no sentido de levantar temas gerais, mas também apresenta comentários específicos sobre esses temas gerais, com aparato científico. Uma das últimas postagens teve como tema a seguinte indagação: “Linguistas podem ler gramáticas?”, que é uma questão específica para o público de linguistas, mas quando exposta para o público em geral, a questão se redimensiona. As possíveis polêmicas que a pergunta em tela levanta são o motivo para que o leitor busque ler o que vem a seguir, na *thread*.

A resposta à pergunta é que os linguistas leem as gramáticas pela área de gramaticografia, a história da gramática. As postagens subseqüentes definem o que é a gramaticografia para o público leigo e dá um exemplo de uma gramática do século XIX, que foi utilizada no Brasil.

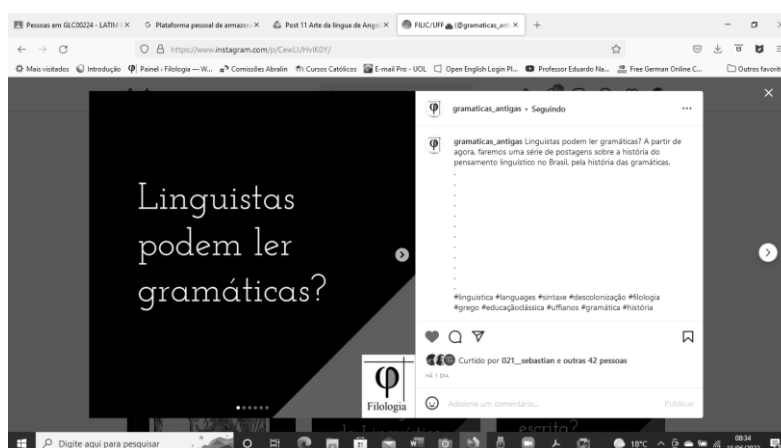


Figura 3. Postagem sobre gramáticas (KALTNER, 2020a).

As postagens remetem-se a temas que são tratados por comunidades de linguistas, mas adaptadas para que o público em geral do *Instagram* possa acompanhar. São temas reais da área de Historiografia da Linguística, recortados de debates teóricos desenvolvidos

em apresentações de congressos e artigos acadêmicos. Esse recorte “metonímico” parece ser o método mais eficiente na construção de uma *thread* científica, que se utiliza do recurso textual e visual.

Outra postagem da página, que teve até agora o maior número de interações, é centrada também em uma pergunta à primeira vista polêmica: “As línguas africanas são línguas clássicas do Brasil?”. Esse tipo de indagação permite uma série de reflexões, e por si só justificaria diversas metodologias para se abordar o tema. A pergunta retórica tem um poder de síntese grande em termos de economia linguística, e o seu uso parece adequado para uma comunicação que se desenvolve de maneira instantânea, como no *Instagram*.

A resposta à indagação na postagem também não tem caráter conclusivo, e busca suscitar a percepção do leitor a um problema de natureza cultural e linguística, levantar outras reflexões, e estabelecer uma conclusão própria. A natureza da pergunta retórica adotada possui duas possíveis respostas: sim e não, sendo que é necessária uma justificativa para se concordar ou discordar desse pensamento. Em nosso desenvolvimento da questão, tratamos a perspectiva afirmativa, em que as línguas africanas podem ser consideradas também línguas clássicas do Brasil, por sua influência histórica e cultural.

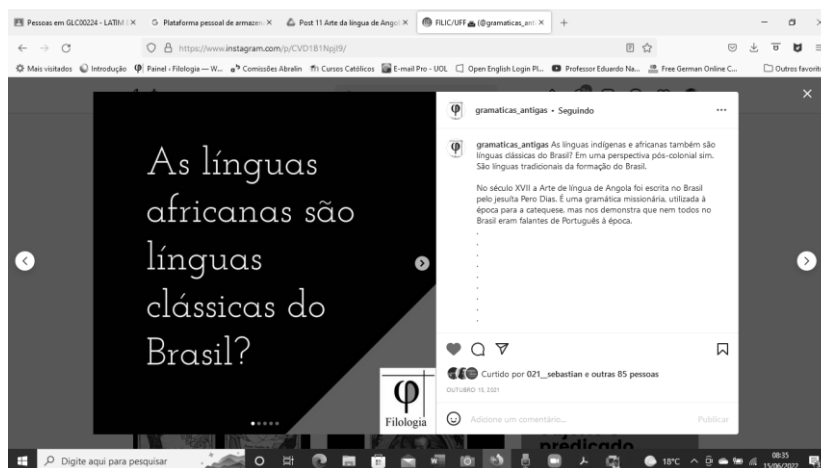


Figura 4. Postagem sobre línguas africanas (KALTNER, 2020a).

Para exemplificar um documento que justifique esse debate, apresentamos a *Arte da língua de Angola*, de 1697, uma gramática da língua africana conhecida por quimbundo, muito falada no período colonial do Brasil, tendo sido a possível língua em uso no Quilombo dos Palmares. A gramática, escrita por um missionário jesuíta, é um dos documentos estudados pela Gramaticografia. Nossa apresentação do documento se dá por imagem tirada de edição digital, apenas da capa da obra, sem ingressar em tópicos específicos.



Figura 5. Arte da língua de Angola (KALTNER, 2020a).

Por fim, nessa postagem, objetivamos proporcionar um primeiro contato com a obra, sem o intuito de gerar um debate acadêmico de tópicos linguísticos, como ocorrem nos eventos científicos e textos no formato tradicional. O intuito é transformar o documento em uma notícia no *Instagram*, divulgar a sua existência e um campo científico que o pesquisa, trazendo um dos possíveis problemas de pesquisa que os linguistas abordam na descrição do documento. Na próxima seção do artigo, debatemos o modelo teórico que orienta nossa seleção de temas para a página, para a divulgação da história do pensamento linguístico no Brasil.

3. O modelo de história do pensamento linguístico no Brasil para a criação de conteúdo: periodização dos documentos e postagens

Para organizar as postagens da página no *Instagram*, sobre a história do pensamento linguístico no Brasil, de que deriva a história da gramática, nos valem de um modelo teórico específico para periodização das obras gramaticais (KALTNER, 2022; CAVALIERE, 2012). Esse modelo divide em três grandes períodos institucionais no Brasil a história do pensamento linguístico e os documentos relativos às postagens: o primeiro é o período missionário, relacionado à época da América portuguesa, como colônia do reino de Portugal, estado absolutista e confessional nesse contexto histórico; já o segundo período é o secular, relativo à chegada da corte e ao Império do Brasil; por fim, o terceiro período é o científico, iniciado com o desenvolvimento da Província de São Paulo, em finais do século XIX, e na República, após a abolição.

Pontos de ancoragem	Período missionário	Período secular	Período científico
Inicial	Chegada dos missionários na América portuguesa, século XVI.	Diretório dos Índios.	Publicação da obra de Júlio Ribeiro (1881).
Final	Expulsão dos jesuítas em 1759.	Publicação da obra de Sotero dos Reis, em segunda edição (1871).	Contínuo até os dias de hoje.
Morfótipo textual	Gramática humanística e gramática missionária.	Gramática racionalista.	Teorias e métodos científicos para a descrição e análise linguística.
Perfil intelectual	Missionário com formação escolástica e humanística.	Filósofo racionalista, com formação iluminista.	Linguista e Filólogo.

Quadro 1. Periodização para as postagens na página.

Categorizamos o período missionário como um período pré-moderno, o período secular como uma entre-modernidade, por fim o período científico como moderno, em relação ao alinhamento com o desenvolvimento de pensamento linguístico no mundo ocidental. Os círculos intelectuais da América portuguesa do período missionário, entre os séculos XVI e XVIII, na pré-modernidade, eram formados por teólogos de ordens religiosas, enquanto os círculos intelectuais do período secular, nos séculos XVIII e XIX, eram formados por acadêmicos com formação de cunho filosófico-iluminista, já os círculos intelectuais do período científico, dos século XIX em diante, eram e são formados por cientistas, como trabalhadores especializados.

No período missionário, que também pode ser descrito como a pré-modernidade, o latim e a gramática latina ocupavam lugar central na descrição linguística, algo que já não ocorreu após a secularização, mesmo no ensino de latim. A gramática latina *De Institutione Grammatica Libri Tres* (ÁLVARES, 1572) (Instituição gramatical em três livros) de Pe. Manuel Álvares, SJ (1526-1583), que foi uma das principais obras desse período, apresenta como suas fontes obras gramaticais latinas que não teriam influência direta no desenvolvimento da gramática racionalista. Álvares cita os latinos Varrão, Quintiliano, Aulo Gélío, Probo, Diomedes, Foca, Donato e Prisciano (FARIA, 1958) como suas principais fontes para a redação de sua gramática humanística:

Suscepto itaque onere, operam dedi ne officio meo deessem. Fontes ipsos adii, M. Varronis Romanorum omnium eruditissimi libros de Etymologia, atque Analogia; duodecim Fabii Quintiliani de Institutione Oratoria, qui mihi magnum adiumentum attulerunt; Auli Gellii Noctium Atticarum undeiginti; Probi, Diomedis, Phocae, Donati, Prisciani Institutiones Grammaticas, ut

potui perlegi, quorum postremus ante mille annos Iustiniani Principis aetate Athenis floruit (ÁLVARES, 2020, p. 52)¹.

O modelo de gramática do período missionário era a gramática humanística, tanto a latina quanto a vernácula, de que derivou a gramática missionária, como as que foram escritas no Brasil por missionários, a *Arte de Angola* é um texto típico desse período histórico, é um morfótipo de sua época, assim como a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, de Anchieta (ANCHIETA, 1595; ASSUNÇÃO, 2005; ZWARTJES, 2011; RODRIGUES, 1986; RODRIGUES, 1958; NAVARRO, 2013). Além da gramática latina, em Portugal, a gramática quinhentista de português de João de Barros foi muito influente à época, inclusive nas colônias ultramarinas (BARROS, 1540; BECHARA, 2009; BUESCU, 1984).

O modelo de gramática do período secular era a gramática racionalista, cuja base era a descrição do vernáculo francês (CAVALIERE, 2012; CAVALIERE, 2001). No período secular, foram escritos no Brasil os primeiros textos filológicos sobre as línguas indígenas, ainda porém com uma visão etnocêntrica, contextualizando as culturas autóctones do Brasil como “primitivas”. Essas questões históricas e culturais são abordadas pelo aporte do conceito de “linguagem preconceituosa”, em perspectiva interdisciplinar com a ecolinguística (COUTO, 2007), para a análise dos documentos. Somente no período científico, o método-histórico comparativo teria sido implantado, dando início à Linguística Moderna propriamente dita.

Como pontos de ancoragem para o período missionário, estabelecemos a primeira missa no Brasil, em 1500, como marco inicial, no início da processualidade de uma “ecologia do contato de línguas” entre missionários europeus, com formação escolástica e humanística, e comunidades linguísticas indígenas da América portuguesa, já como marco final, delimitamos a publicação do *Diretório das povoações dos índios do Pará e Maranhão*, em 1757, de Marquês do Pombal (KALTNER, 2022).

Há um interregno até a chegada da corte portuguesa, e o ponto de ancoragem para o início do período secular é a publicação da gramática de Antônio de Moraes Silva em 1806, que seguiu a gramática racionalista e a filosofia iluminista como base teórica (CAVALIERE, 2012). O marco de encerramento do período secular, nessa perspectiva teórica poderia se situar na publicação da segunda edição da gramática de Sotero dos Reis. A tarefa intelectual ainda não era uma atividade remunerada como uma especialização do mercado de trabalho

¹ Recebido, assim, esse trabalho, me empenhei para que não estivesse em falta quanto ao meu ofício. Busquei as próprias fontes, os livros de Etimologia e a Analogia de Varrão, o mais erudito entre todos os romanos, os doze livros sobre a Instituição Oratória de Fábio Quintiliano, que me apresentaram uma grande ajuda, os vinte e um livros das Noites Áticas de Aulo Gélcio, as obras gramaticais de Probo, Diomedes, Foca, Donato e as Instituições Gramaticais de Prisciano, o quanto pude ler, esse último, entre os quais, viveu há mil anos, na época do Príncipe Justiniano, em Atenas (tradução nossa).

em uma sociedade capitalista como nos dias de hoje, dependendo ainda os professores de “favores reais” e mecenato. O modelo racionalista era o hegemônico:

O modelo de descrição nesta fase da produção gramatical brasileira, que viria a contar com nomes expressivos, dentre eles o do maranhense Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), pauta-se no modelo racionalista levado ao Brasil principalmente pela *Gramática filosófica* (2004 [1822]) de Jerônimo Soares Barbosa (1737-1816) (CAVALIERE, 2012, p. 219).

Já o período científico, tem como marco inicial a publicação da obra de Júlio Ribeiro, na Província de São Paulo e é contínuo até os dias de hoje. A principal marca é a difusão das teorias linguísticas modernas e sua recepção contínua no Brasil:

Um segundo período historiográfico no século XIX inaugurar-se-ia com a geração de professores que passaram a trabalhar as teses histórico-comparativistas, que renderiam extensa e qualificadíssima bibliografia sobre o português no Brasil ao longo de várias décadas (cf. Cavaliere 2002 e Fávero e Molina 2006). Esse período, dito científico, conta com uma fase inicial de gramáticos que escreveram seus textos inspirados na escola comparativista alemã e nos volumes de língua vernácula francesa e inglesa (CAVALIERE, 2012, p. 219).

As postagens da página abordam os três períodos distintos de desenvolvimento da história do pensamento linguístico no Brasil e buscam divulgar e difundir a produção histórica de conhecimento linguístico e nossas tradições de pensamento, algo que muitas vezes não é conhecido do grande público. Por fim, o objetivo da página é trazer essa discussão para uma comunidade mais ampla do que a tradicionalmente vinculada à academia.

Projeta-se em futuras postagens utilizar-se cada vez mais dos recursos da rede social, com o intuito de difundir também eventos, artigos acadêmicos, *e-books* gratuitos, entre outros, com a finalidade de tornar a página um recurso da extensão acadêmica. Ainda está em estudo, pelo grupo de pesquisas, a utilização dos recursos de vídeos e transmissões ao vivo, a fim de criar uma “roda de conversas”, ou debates interativos, com a linguagem apropriada para a popularização científica, que acreditamos ser um meio termo entre o debate acadêmico e a produção de conteúdo para entretenimento.

Referências

ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. *In*: ALTMAN, Cristina *et al.* **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 19-44.

ÁLVARES, Manuel. **Instituição da Gramática em três livros, ampliada e explicada por Antônio Velez. Tomo I. Morfologia I: Paradigmas do nome, pronomes e verbo**. Princípios básicos das oito partes da oração. Introdução Eustáquio Sanchez Salor, Juan María Gomez. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

ANCHIETA, José de. **Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. Coimbra: António de Mariz, 1595.

ASSUNÇÃO, Carlos; FONSECA, Maria do Céu. A arte de Grammatica da Lingoa mais usada na costa do Brasil, de José de Anchieta, no quadro da gramaticalização de vernáculos europeus. *In: RIO-TORTO, Graça Maria et al. Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Puccinelli. Campinas: Orlandi. -- Campinas, SP: Editora da Unicamp. 1992.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Historiografia da Linguística e um quadro sociorretórico de análise. *In: ALTMAN, Cristina et al. Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 81-114.

BARROS, João de. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Luís Rodrigo, 1540.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 2009.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Historiografia da Língua Portuguesa. Século XVI*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984.

CAVALIERE, Ricardo Stavola. Anchieta e a língua falada no Brasil do século XVI. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 5, n.1-2, p. 11-21, 2001.

CAVALIERE, Ricardo Stavola. Gramaticografia da língua portuguesa no Brasil: tradição e inovação. **Limite**, n. 6, p. 217-236, 2012.

COUTO, Hildo Honório. **Ecolinguística. Estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

FARIA, Ernesto. **Gramática Superior da Língua Latina**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

KALTNER, Leonardo Ferreira. As ideias linguísticas no discurso De Liberalium Artium Studiis (1548). **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 56, p.197 - 217, 2019.

KALTNER, Leonardo Ferreira; SANTOS, M. C. S.; TEIXEIRA, V. L. Gaspar da Índia: o língua e o Brasil quinhentista. **Confluência**, v.57, p. 9-35, 2019.

KALTNER, Leonardo Ferreira. **Gramáticas Antigas – página do Instagram**, 2020a. Disponível em: https://www.instagram.com/gramaticas_antigas/. Acesso em: 21 jun. 2022.

KALTNER, Leonardo Ferreira. Monumenta Anchieta à luz da Historiografia Linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso, SJ (1906-2002). **Cadernos de Linguística da Abralín**, ano 1, n.1, p.01-15, 2020b.

KALTNER, Leonardo Ferreira. **O pensamento linguístico de Anchieta e de Carl von Martius: estudos historiográficos**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020c.

KALTNER, Leonardo Ferreira. Regna Brasillica: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). **Revista da Abralín**, n.19, p.1 - 25, 2020d.

KALTNER, Leonardo Ferreira; SANTOS, M. C. S. Schola Aquitanica e a gramática de Despauterius: intertextualidades. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, n. 76, v. 2, p.750-759, 2020.

KALTNER, Leonardo Ferreira. The place of Anchieta's Grammar in the history of linguistic thought in Brazil. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, p. e610, 2022. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/610>. Acesso em 14 fe. 2022.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em Historiografia da Linguística. **Revista da Anpoll**, n. 2, p. 45-70, 1996.

MOTTA-ROTH, Desirée, SCHERER, Anelise Scotti. Popularização da ciência: a interdiscursividade entre ciência, pedagogia e jornalismo. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 11 n. 2, p.164-189, 2016. DOI: 10.1590/2176-457323671.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário de Tupi Antigo**. São Paulo: Global, 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Phonologie der Tupinambá-Sprache**. 1958. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Universidade de Hamburgo, 1958.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SCHALL, Virgínia. Science Education and Popularization of Science in the Biomedical Area: its Role for the Future of Science and of Society. **Mem Inst Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v. 95, n. suppl. I, p.71-77, 2000.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**, n. 44-45, p. 39-59, 2013.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas e problemas. *In*: ALTMAN, Cristina *et al.* **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019, p. 45-80.

ZWARTJES, Otto. **Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550–1800**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.

Authors' contribution statement

Leonardo Ferreira Kaltner is responsible for: Conceptualization, Writing – original draft, Methodology.

Melyssa Cardozo Silva Santos is responsible for: Writing – analysis and editing, Visualization.

Conflict of interest statement

The authors declare that there is no conflict of interest.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.